

notícias

Não há direitos sem as mulheres!

É crescente o número de casos de violência contra mulheres e meninas em Angola, são assediadas, violadas sexualmente em casa, na rua no local de trabalho, agredidas pelas forças de defesa e segurança e privadas de direitos fundamentais básicos e humanos.

O desinvestimento é outra evidência do quão marginalizadas são as mulheres em Angola. As infra-estruturas públicas, por exemplo, não dispõem de instalações sanitárias higienizadas nem mesmo os serviços materno-infantis, a maioria das mulheres não tem acesso à protecção social nem a métodos anticoncepcionais.

Diante desse cenário, o Mosaiko, em parceria com o Mudei, a ADRA, o Unidas Somos Mais Fortes, a Kutakesa e o Ondjango Feminista, organizou uma marcha de protesto em Luanda, no dia 25 de Novembro, no âmbito do projecto “Infelizes”.

A marcha partiu do Cemitério da Santa Ana até ao Largo das Heroínas, contou com cerca de 100 pessoas, homens e mulheres que denunciaram nos cartazes e por palavras de ordem os abusos contra o corpo das mulheres e meninas, o feminicídio, a fome, a negligência do Estado, o patriarcado...

O Instituto Nacional de Estatísticas relata que 32% das mulheres angolanas sofre violência física desde os 15 anos de idade; 8%, em algum momento, será vítima de violência sexual e 34% foi vítima de violência física ou sexual.

Texto: *Alenap Hamuti*

MO sai ko inForm⁶¹

INFORMAÇÃO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS
E O TRABALHO DO MOSAIKO | INSTITUTO PARA A CIDADANIA



PARTICIPAÇÃO DA JUVENTUDE



Informando - Pág. 04
A CULTURA DO MEDO



Figura em Destaque - Pág. 09
DAGO NÍVEL INTELECTO



Reflectindo - Pág. 18
REIMAGINAR ANGOLA...



MOSAÍKO inForm

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE

MOSAÍKO | Instituto para a Cidadania

NIF: 5000359718

Nº DE REGISTO: MCS – 492/B/2008

DIRECÇÃO

Júlio Candeeiro, op

SUPERVISÃO

Verónica Pereira

REDACÇÃO

Mandele Rocha

Hamuti Panela

IMAGEM DE CAPA

Ae Cupessala

COLABORADORES

Lígio Katukuluka

DESIGNER GRÁFICO

André Cupessala

CONTACTOS

Bairro da Estalagem - Km 12 | Viana

TM: (00244) 912 508 604

TM: (00244) 929 775 815

Caixa Postal 2304 - Luanda | Angola

E-mail: mosaiko@mosaiko.op.org

www.mosaiko.op.org

Facebook: Mosaiko

IMPRESSÃO

Damer Gráficas, S.A.

TIRAGEM: 2500 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Os artigos publicados expressam as opiniões dos seus autores, que não são necessariamente as opiniões do Mosaiko | Instituto para a Cidadania.

índice

MOSAÍKO INFORM Nº 61 - DEZEMBRO 2023

TEMA: PARTICIPAÇÃO DA JUVENTUDE

- PÁG. 03 *editorial*
A hora sempre foi da Juventude
- PÁG. 04 *informando*
A Cultura do Medo
- PÁG. 08 *estórias da história*
Jovens que Mudam o Mundo
- PÁG. 09 *figura em destaque*
Dago Nível Intelecto
- PÁG. 10 *construindo*
Desafios da Participação Jovem na Vida da Igreja
- PÁG. 14 *entrevista*
"O Momento da Juventude é Agora e não no Futuro"
- PÁG. 18 *reflectindo*
Reimaginar Angola...
- PÁG. 20 *notícias*
Não há Direitos sem Mulheres

COM O APOIO

MISEREOR
• IHR HILFSWERK

“
SER JOVEM E NÃO SER REVOLUCIONÁRIO
É UMA CONTRADIÇÃO GENÉTICA
”

Che Guevara



editorial

A hora sempre foi da Juventude

Júlio Gonçalves Candeeiro, *op*
Director Geral

Fotografia: ©André Cupessala

Estimado leitor/a

Angola é um dos países mais jovens de África, com uma taxa de crescimento estimada em 3,3%, a população jovem, afectada pelas limitações de ordem social, política e financeira, encontra-se nos dois extremos do espectro social: são as principais vítimas da conjuntura nacional e os principais protagonistas para a transformação.

Dentre os vários desafios que a juventude angolana enfrenta o mais determinante é o da participação. Um direito humano consagrado na Carta das Nações Unidas e na Constituição da República de Angola, um dos pilares fundamentais de qualquer sistema democrático e de Direito, na medida em que garante que as pessoas se sintam parte de um país.

A secção Informando traz um tema bastante reflectido entre o Mosaiko e um dos seus antigos parceiros, o defunto Laboratório de Ciências Sociais da Universidade Católica de Angola. Para Rocha, o medo que se vê e se sente na sociedade angolana, a exemplo do que aconteceu na Alemanha de Hitler, é também, construído por narrativas de diabolização do outro, propagandeadas pelos Média. Esta lógica fundou factos como o 27 de Maio, o Massacre do Monte Sumi ou o de Cafunfo.

Desta feita, desmascarar o medo torna-se vital, sobretudo com o actual rejuvenescimento dos ideais fascistas em todo o mundo, incluindo Angola. Na mesma linha, na sec-

ção Construindo expõem-se os desafios da participação dos jovens na igreja. Apesar de em vários estudos sociais, as igrejas serem consideradas instituições de confiança, são deficitárias quanto à participação.

No entanto, a inspiradora história do jovem Dago Nível, figura em destaque nesta edição, criador da Despadronizada, uma biblioteca acolhida pela sombra de uma pedonal em Viana. Com mais de 3000 livros é um espaço de acesso à informação, leitura e de exercício da cidadania.

Em entrevista, o sociólogo Leopoldino Vitumbaca analisa o estado da participação da juventude angolana, tendo em conta os diferentes cenários: histórico, político e cultural que impedem a participação, destacando ainda os obstáculos criados pelo Governo e a partidarização do Conselho Nacional da Juventude.

Angola está cheia de histórias de jovens mulheres e homens que lutam para ser parte, fazem-no através da política, do associativismo, arte e do desporto... Mas esperam o cumprimento do sonho de Lígio Katukuluka, ter em Angola “Uma juventude concebida e preparada para o exercício de uma cidadania consciente, activa e participativa tem intrinsecamente as ferramentas para pensar e agir para a melhoria da sua comunidade e consequentemente do país.”

Boa leitura!

Por uma Angola melhor



MOSAICO
INSTITUTO PARA A CIDADANIA

Guiado por um forte compromisso social, tem como objectivo o respeito pela dignidade humana e o desenvolvimento da sociedade angolana, a partir do contributo de todos e de cada um(a).



Mosaiko_ Instituto para a Cidadania

99 subscribers

Subscrito 

INÍCIO
VÍDEOS
SHORTS
EM DIRETO
PLAYLISTS
CANAIS
ACERCA DE


Playlists criadas

Subscreva no nosso canal do youtube

informando

A CULTURA DO MEDO

O medo é sedimentado por horrores e impõe hábitos que uma vez consolidados, controlam todos os aspectos da vida individual e em sociedade.

Em Angola o medo sente-se pelo silêncio e inacção das pessoas. Mais de quatro séculos de colonização e escravização, produziram uma população desprovida de auto-estima e insegura em relação às suas capacidades intelectuais. Após a independência, manteve-se a repressão e o autoritarismo, as populações continuaram por mais de quatro décadas sem opinião e sem liberdade para expressar ideias próprias.

Por isso ainda hoje, os angolanos paralisam diante de qualquer chefe, comandante, general, presidente que além de deterem poder, proferem discursos bélicos. A última campanha eleitoral (2022) foi pródiga, mas além do efeito que o medo produz na população em geral, o medo também domina e sustenta as relações de poder. O medo de perder poder diante de uma possível reacção de descontentamento da população, manifestou-se com tanques de guerra nas estradas de Luanda no dia pós-eleições gerais, 25/08/2022.

Por outro lado, os medos são fabricados com factos reais. O 27 de Maio de 1977, o primeiro grande massacre ainda por investigar, que aconteceu dois anos depois da independência de Angola, recolocou a população no estágio de opressão total, incumbindo-a da tarefa “patriótica” de delação (a popular “bufaria”), levando a que as pessoas se acusassem umas as outras e todas vivessem apavoradas, desconfiando até da própria sombra.

Há sem dúvida um antes e um depois do 27 de Maio, note-se que a maioria das pessoas continua a ter medo de mencionar o 27, referi-lo com alguma frequência só começou a acontecer nos últimos seis, sete anos. A estratégia dos detentores do poder na altura, era espalhar o pânico, diabolizar e alvejar os críticos ao regime, disseminando uma “caça” pública nos meios de comunicação de massas.

Depois desse marco, os detentores do poder precisaram criar mais factos para manter a chama do medo e assegurar que a população continua paralisada. Nomeadamente: O Massacre de Luanda dos dirigentes da UNITA no pós-eleições 1992; Sexta-feira Sangrenta (4000 execuções de bakongos de 22 e 23 de Janeiro de 1993); Assassinatos de Ricardo de Melo (1995); Mfulupinga Lando Victor (2004); Alves Kamulingue; Isaías Cassule (2012); Inocência de Matos (2020); Detenção arbitrária dos 15+duas (2015); Massacre de Cafunfo (2021).



Fotografia | © DR

“A estratégia dos detentores do poder na altura, era espalhar o pânico, diabolizar e alvejar os críticos ao regime, disseminando uma “caça” pública nos meios de comunicação de massas”

Fórmula do medo

A fórmula não é nova, mas continua a ser, drasticamente eficaz e recorrentemente usada em diferentes épocas, em vários países. O antropólogo Ettore Biocca denominou “Estratégia do Terror”, por propor instalar o medo entre toda a população, usando elementos como o ultraje, a tortura, sequestro, a ofensa ou a morte secreta.... Tendo como fim, desenvolver um estado de terror permanente, transformando lentamente, a psicologia colectiva. A estratégia não é assumida claramente, quem a implementa, como pretende manipular, oculta as suas reais intenções e interesses. No entanto, viabiliza atrocidades recriando a realidade através dos meios de massa e as estruturas sociais, religiosas e culturais. Esta estratégia visa manter poder, desumanizando e subjugando o povo no geral, atingindo especificamente: criminosos comuns que ameaçam o bem-estar da elite; revolucionários, activistas, imigrantes e sindicalistas que perigam os interesses económico-financeiros dos impérios.

Reproduzir Hitler

O Holocausto (1941/45), Nuremberga (1945/46) expuseram a selvajaria, barbárie e pobreza humana dos nazis que sem hesitação exterminaram judeus, negros, homossexuais, comunistas, ciganos e testemunhas de Jeová. Esta limpeza étnica, ideológica, de género e religiosa, só se tornou possível porque se construiu uma crença para diabolizar estes grupos e substituíram-se as regras de convivência civil por um código de violência e de crime.

A forte manipulação das informações e das ideias transformou a barbárie numa acção justa, num dever social. Os militares e polícias vêem-se como meros instrumentos, sem responsabilidade pessoal e tentam justificar os próprios crimes dizendo que executaram ordens superiores.

A reprodução da fórmula hitleriana é verificada em todo o mundo, especialmente por oprimidos quando se tornam opressores, o que leva a crer que esta fórmula do terror tem tanto de Hitler como de qualquer outro ser humano.

“Valeria a pena estudar clinicamente os procedimentos de Hitler e do hitlerianismo e revelar ao distintíssimo mui humanista e cristão burguês do século XX que carrega em si um Hitler que se ignora a si mesmo...”, escreve Aimé Cesaire em “Discursos sobre a colonização”. Referindo ainda que “o que ele não perdoa a Hitler não é o crime em si... O crime contra o homem, não é a humilhação do homem em si, é o crime contra o homem branco, é a humilhação do homem branco e por ter aplicado à Europa procedimentos colonialistas...”.



Desmontar o medo

Para manter a ditadura militar no Brasil (1964-1985), a doutrina da Segurança Nacional entrou em vigor (1968), discriminava os “inimigos internos” (todos os que questionavam e criticavam o regime). Outro elemento fundamental, era ter uma constituição que centralizava as estruturas sob um só comando e atribuía poderes extraordinários ao comandante em chefe.

A tortura era uma arma política, as estruturas de defesa e segurança existiam apenas para proteger as classes dirigentes e naquela altura, o Brasil dispunha do Esquadrão da Morte e ainda de um Comando de Caça aos Comunistas, uma iniciativa alinhada aos interesses imperialistas internacionais, que em 1971, exploravam em grande escala o território virgem brasileiro, desmatando a Amazônia e expulsando povos indígenas.

A estratégia de terror implementada para proteger interesses do império, nomeadamente, norte-americano, incluía garantir uma governação favorável, cedendo linhas de investimento para manter o regime, sobretudo fornecimento de material bélico, para que no terreno, militares e forças de segurança dispusessem de meios para proteger os bens e interesses das elites nacionais e estrangeiras.

Noutro plano, demonizaram-se grupos ou indivíduos que ameaçavam a ditadura militar. Para este efeito, usaram-se os meios de comunicação social para difamar, caluniar e arruinar a reputação e a ideia que se tinha dos indígenas, comunistas, artistas, revolucionários...

Simultaneamente, disseminavam-se as imagens de violência e brutalidade extrema perpetrada contra todos os opositores ao regime. A ameaça prevalecia em todas as mensagens diárias, de tal forma que a

“Carrascos ignorantes e amedrontados matam muito mais que pessoas conscientes, daí que neste tipo de regimes o obscurantismo é essencial.”

tortura, além de instrumento de poder, tornou-se uma pérfida ciência de governo que normalizava a tortura como um mal necessário.

Tanto os que massacraram como os massacrados desconheciam o plano, nem sabiam quem eram os orquestradores e beneficiários das matanças avulsas, aqueles que no caos fabricado, amealhavam riquezas e fustigavam a violência à distância. Carrascos ignorantes e amedrontados matam muito mais que pessoas conscientes, daí que neste tipo de regimes o obscurantismo é essencial.

Hoje, desmascarar o medo torna-se vital, sobretudo com o actual rejuvenescimento dos ideais fascistas em todo o mundo. Vários estados estão a adoptar ou reformular leis para restringir direitos fundamentais. Em nome da “segurança nacional”, agrava-se o controlo sobre cada ser humano, percebido em primeira instância como potencial terrorista, prestes a insurgir-se contra um sistema que

Texto: *Mandele Rocha*

estórias da história

JOVENS QUE MUDAM O MUNDO

O protagonismo de um colectivo de jovens que num certo tempo e espaço se mobilizaram contra a injustiça, arbitrariedade e a opressão.

O século 20 ficou marcado pela insurgência dos movimentos juvenis, mas também pela transformação irreversível do mundo.

Os coloridos anos 70 e 80 foram antecidos pelo cinzentismo das décadas de 40, 50 e 60. Do conservadorismo anti-comunista, irrompe o grito revolucionário dos jovens contra o fascismo, o capitalismo, a segregação racial, o colonialismo, a misoginia, o enclausuramento do pensamento e a falsa moral.

Entre os mais oprimidos estão os estudantes africanos colonizados pelo império português que frequentavam o espaço de controlo, a Casa dos Estudantes do Império (1944), onde se forjaram nacionalistas e guerrilheiros para a luta clandestina pela independência dos seus países.

Em Angola, a mobilização da juventude contra o regime colonial materializou-se com a Geração da Mensagem, o Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (1950-53), cuja operação suscitou o Processo dos 50 (detenção de nacionalistas), nos fins da década de 40.

Este fervilhar revolucionário conectou jovens de África e da América, estabelecendo um intercâmbio permanente artístico, filosófico e político entre os independentistas africanos e colectivos como os norte-americanos Panteras Negras (1966).

A força e a determinação dos jovens negros na Europa e América do Norte provocaram conflitos existenciais, sobretudo entre os jovens brancos, alguns abraçaram a causa negra, outros iniciaram protestos estudantis que se espalharam um pouco por todo o mundo. O Maio de 68 começou em França, passou pela Polónia, Brasil, México, América... Lutavam contra a guerra no Vietname, capitalismo, socialismo soviético e a opressão moralista ditatorial sobre os jovens e, particularmente, sobre as mulheres e homossexuais.

Os protestos estudantis resultaram numa explosão de criatividade sem precedentes, originada pela liberdade e a diversidade de pensamento e de expressão livres.

Texto: *Alenap Hamuti*

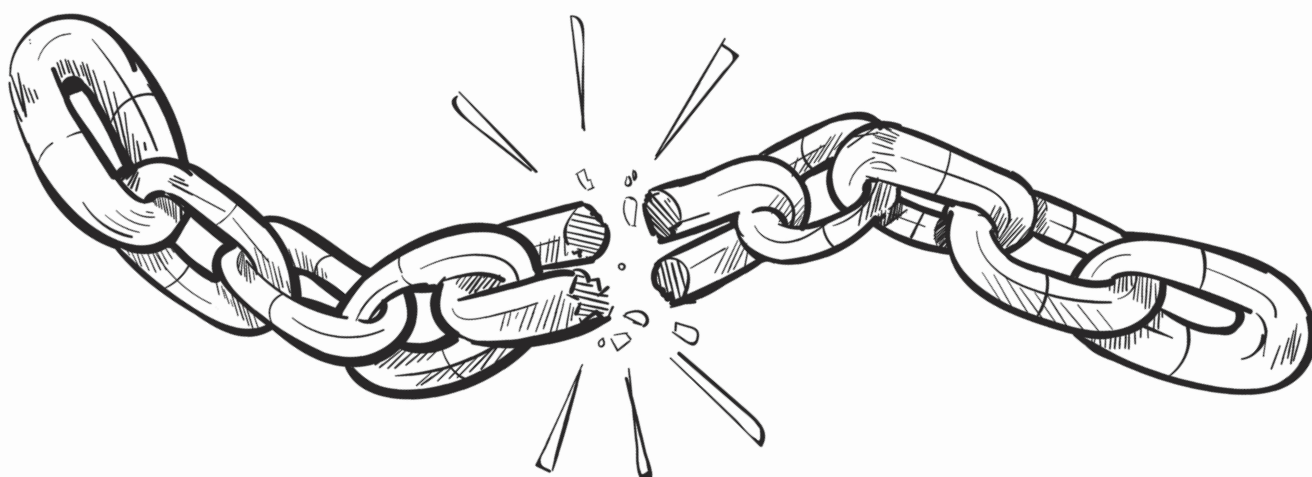


figura em destaque

DAGO NÍVEL INTELECTO

“Os privilégios só fazem sentido se forem partilhados”

Jovem activista comunitário que impulsiona os jovens e a comunidade através da partilha do conhecimento pelos livros.



Fotografia: ©DR

“Há uma sede das pessoas em perceberem cada vez mais como funciona a política e sobre os seus direitos e deveres”

Nascido na província do Uíge, Dago Nível Intellecto, pseudónimo de Francisco Mapanda, é um dos percursos por trás da Biblioteca “10Padronizada”, criada debaixo de uma pedonal da avenida Deolinda Rodrigues, rua da Robaldina, em Viana, que surgiu para partilhar opções de leitura enquanto um direito pouco acessível nas periferias, onde o acesso ao livro e ao conhecimento ainda constitui privilégio.

“É o lugar das pessoas marginalizadas como o trabalhador do carro-de-mão, o sapateiro, a zungueira. Porque não partilhar com estas pessoas que têm esta relação com a ponte? Os privilégios só fazem sentido se forem partilhados”, disse Dago Nível ao Euronews.

“A Biblioteca que começou com 100 livros, hoje conta com mais de 3 mil volumes recebidos de doações, além de reunir monografias para a disseminação das produções dos jovens ”

“Há uma sede das pessoas em perceberem cada vez mais como funciona a política e os seus direitos e deveres, o que quebra os tabus e desfaz preconceitos de que os jovens angolanos não gostam de estudar e de ler”. Revela Dago Nível, em declarações à Lusa.

A Biblioteca que começou com 100 livros, hoje conta com mais de 3 mil volumes recebidos de doações, além de reunir monografias para a disseminação das produções dos jovens académicos e acolher actividades como formações e debates sobre literatura, poesia, xadrez, etc.

A biblioteca deu vida à pedonal, tornando-a num espaço para leitura e discussões públicas, onde o barulho dos comboios, vendedores e taxistas não atrapalha quem lê, recebendo pessoas de todos os estratos, que sentam sobre um tapete de relvas, pneus e bancos de madeira.

A ideia surgiu durante a pandemia da Covid-19, em Setembro de 2020, quando dois jovens, Dago e Arante Kikuvu, desempregados, começaram a comercializar whisky e cigarro debaixo da pedonal, ao mesmo tempo que liam livros e discutiam sobre eles, despertando o interesse das pessoas que por aí passavam.

Texto: Alenap Hamuti

construindo

DESAFIOS DA PARTICIPAÇÃO JOVEM NA VIDA DA IGREJA

"O Papa Francisco exortou a confiar sinceramente na capacidade de cada jovem de participar na vida da igreja."

Em 2021, iniciou o Sínodo da Igreja sobre a sinodalidade dela, tendo como lema “Comunhão, Participação e Missão”. Como o segundo termo indica, ênfase especial é dada à participação. No caso da juventude, já na exortação apostólica pós-sinodal, *Christus Vivit* (2019), exortação essa, resultante do sínodo sobre a juventude, o Papa Francisco dizia que “um jovem já não é uma criança, encontra-se num momento da vida em que começa a assumir várias responsabilidades, participando com os adultos no desenvolvimento da família, da sociedade, da Igreja” (n.º 64). E, porque isso implica orientação e presença de um guia, o Papa acrescentou afirmando que tal guia “deveria confiar sinceramente na capacidade que tem cada jovem de participar na vida da Igreja. Por isso, o guia deveria cultivar as sementes da fé nos jovens, sem pressa de ver os frutos do trabalho que vem do Espírito Santo” (n.º 246).

Ora, a isso, no caso de Angola, junta-se a estimativa de 75% da população ter menos de 30 anos de idade, facto que, obviamente, se reflecte na composição dos grupos de participação motivada pelo actual sínodo. Assim, em praticamente todas as comunidades católicas de Angola, os jovens vêm participando no processo sinodal como membros dos conselhos locais e dos diversos grupos, como catequizandos,

catequistas, membros de grupos corais, da Legião de Maria, do Apostolado da Oração, dos movimentos eucarísticos, dos agrupamentos de escuteiros, das ordens e institutos de vida consagrada e de tantos outros.

“Assim, em praticamente todas as comunidades católicas de Angola, os jovens vêm participando no processo sinodal como membros dos conselhos locais e dos diversos grupos, como catequizandos”



Fotografia: © DR

Entraves à participação

Porém, a participação dos jovens não se resume aos números, pois revela-se na substância trazida por eles. Essa participação vem se expressando nas três etapas do Sínodo - nacional, continental e geral.

Na fase nacional, os jovens angolanos apresentaram, entre muitos, os seguintes pontos como sombras ou aspectos negativos por si enfrentados:

- 1** Violenta invasão do islamismo e adesão da juventude feminina, sem se ter consciência dos riscos para o país;
- 2** Entraves à liderança juvenil, bem como insuficiência de formação para maior contribuição dos jovens na missão da Igreja e testemunho autêntico na vida social;
- 3** Contextos sociais, culturais e políticos que, via intimidação, levam alguns fiéis (homens, mais velhos e com algum poder civil) a se sentirem no direito de falar e outros a terem a obrigação-dever de escutar, entre eles, os jovens vistos, muitas vezes, como ignorantes, rebeldes e arruaceiros;
- 4** Estrutura hierarquizada, pouco aberta e menos dialógica, de algumas comunidades com medo

de ouvir a verdade, o que coíbe o diálogo e dificilmente valoriza as contribuições dadas, levando certas pessoas ao medo de falar, ao desânimo e, inclusive, a preferirem os murmúrios e a juntar-se a grupos cristãos e legalmente não recomendáveis;

5 Nalgumas comunidades, a presença de pessoas e grupos privilegiados, por serem mais activos e possuírem mais bens materiais, anula o valor dos factualmente relegados à periferia, entre eles os jovens;

6 Embora os jovens sejam os que mais manifestam, as suas opiniões nem sempre são bem acolhidas e, são frequentemente tidos como rebeldes e, consequentemente, coibidos pelos líderes ou adultos;

7 Jovens, amiúde, mal preparados para os sacramentos. Recebendo-os, esses jovens correm o risco de cumprir apenas um dever circunstancial, ao não fazerem a experiência do encontro pessoal com Jesus Cristo;

8 Existência de alguns jovens desinteressados em actividades de natureza espiritual, cultural e formativa.

construindo

DESAFIOS DA PARTICIPAÇÃO JOVEM
NA VIDA DA IGREJA



Fotografia: © DR

Propostas para participar melhor

Ainda na fase nacional, os jovens apresentaram as seguintes perspectivas, enquanto propostas de acção e projectos:

- 1** Reformular a catequese infantil, juvenil e de adultos para a evangelização da comunidade, levando a que pais venham a ser também catequistas dos filhos;
- 2** Investir na pastoral juvenil, formando os jovens a ser discípulos missionários, com iniciativas que despertem para a fé e o compromisso social;
- 3** Criar e manter cursos profissionalizantes a fim de capacitar os jovens para a vida económica e social, tudo isso no âmbito da formação integral, considerando os sinais dos tempos novos;
- 4** Garantir acompanhamento dos jovens por presbíteros, comunidades religiosas, catequistas e líderes reconhecidamente competentes.

“Escutar particularmente os jovens, as vítimas de abusos sexuais, espirituais, económicos, institucionais e as pessoas que se sentem marginalizadas ou excluídas da Igreja e da sociedade.”

“A globalização tem trazido ao nosso contexto, correntes de pensamento e novas práticas que impõem formas de ser e de comportamento que não consideram o bom património histórico-cultural do nosso povo nem a nossa responsabilidade de enriquecer a civilização universal”

Na fase continental, e seguindo as orientações dos jovens, destacaram-se as seguintes perguntas:

- 1** Como estruturar um diálogo contextualizado e frutífero entre as gerações jovens e adultas e como configurar um estilo de governo mais participativo e menos piramidal?
- 2** Como continuar a formar adequadamente os jovens para uma sexualidade responsável, estabilidade matrimonial e unidade familiar?
- 3** Como lidar com o fenómeno da globalização sem perdermos o rosto da nossa identidade? A globalização tem trazido ao nosso contexto, correntes de pensamento e novas práticas que impõem formas de ser e de comportamento que não consideram o bom património histórico-cultural do nosso povo nem a nossa responsabilidade de enriquecer a civilização universal;
- 4** Como lidar com a força da comunicação social e das novas tecnologias de comunicação para evitar a aculturação no nosso contexto angolano e o esvaziamento da nossa essência identitária, à luz da fé?
- 5** Como lidar eficazmente com os desafios económicos, sociais e ambientais que ameaçam o futuro dos jovens?

Finalmente, da última fase universal de participação, denominada “Rumo a Outubro 2024”, destacam-se as seguintes respostas e propostas dos jovens angolanos no âmbito do sínodo:

- ▶ Escutar particularmente os jovens, as vítimas de abusos sexuais, espirituais, económicos, institucionais e as pessoas que se sentem marginalizadas ou excluídas da Igreja e da sociedade;
- ▶ Adotar linguagem acessível a todas as culturas e camadas sociais na abordagem das questões vitais;
- ▶ Criar espaços eclesiais de escuta (nas paróquias, vigararias...);
- ▶ Não ignorar nem sub-utilizar os carismas laicais, mas reconhecê-los e valorizá-los.

Portanto, este sínodo encorajou muito os jovens à participação honesta e muito activa. ●

Texto: *Frei José Sebastião Manuel*

entrevista

LEOPOLDINO ALBERTO VITUMBACA

“O MOMENTO DA JUVENTUDE É AGORA E NÃO NO FUTURO”



Fotografia: ©Ae Cupessala

O sociólogo analisa o estado da participação da juventude angolana, tendo em conta os diferentes cenários histórico, político e cultural.

Como avalia a participação da juventude na vida social e política do País?

Falar desse cenário em Angola é uma verdadeira luta, tendo em conta os aspectos sócio-históricos e a alienação que os sistemas ideológicos encontraram para manipular a mente da juventude com políticas de distração e marginalização protagonizada

por indivíduos que se apegaram ao poder e às posições que ocupam.

Os últimos dados do censo mostram que a maior parte da população é jovem, maioria do sexo feminino, mas essa juventude não tem tido oportunidades. As leis angolanas não dão muitas aberturas para a participação da juventude, a exemplo dos critérios exigidos pela própria Constituição, que dá um poder

excessivo ao Presidente da República, que, não sendo jovem, não conhece as dinâmicas dos jovens e com quem os jovens não se identificam. Selecciona e nomeia indivíduos de outras idades, usurpando assim algumas posições que deviam ser ocupadas pela juventude.

Porque os jovens não participam? Terão medo?

Não diria medo, os jovens participam de forma denunciada ou sem muitos espaços de manobra.

Porquê?

Estamos num País em que as instituições públicas se encontram partidarizadas e não defendem os interesses do povo. Promovem uma cidadania limitada, do “sim, chefe”, onde votar e elogiar o trabalho do Executivo são aplaudidos, mas questionar com fundamentos lógicos e solicitar espaços para a juventude já não é apreciado.

É muito difícil um jovem apresentar-se como apertidário, ou seja, se a abordagem for em defesa de um bem ou uma acção ligada à governação ou ao partido da situação, automaticamente a pessoa é associada àquele partido e, quando é em defesa da maioria e da cidadania, é adjectivada como da oposição. Só é política construtiva quando feita dentro dos partidos.

O Mosaiko realizou um estudo sobre o estado da participação da juventude que mostrou que os jovens querem participar, sendo que 69% só não o faz pelas políticas e posicionamento do Governo. O que tem a dizer sobre estes dados?

Os obstáculos que beliscam a participação da juventude angolana infelizmente foram institucionalizados, tendo sido uma estratégia pensada e implementada para a desvalorização da juventude e distração, para levar os jovens a afastarem-se do interesse público, o que nos faz ter uma juventude que aparentemente não se interessa pela vida política do País.

O Executivo está naquela fase de diversificação da economia, através do empreendedorismo, mas, se um jovem vai a uma instituição bancária solicitar crédito, não consegue, sendo cedido sempre às pessoas com o monopólio financeiro e que, muitas vezes, nem são jovens, além disso, não existem práticas que combatam a fraca capacidade financeira dos jovens.

Os mesmos problemas estão presentes na cultura, quando artistas jovens se levantam para fazer a arte de forma racional, são conotados.

Que questões normalmente motivam ou impulsionam a participação dos jovens actualmente?

Pelo facto de a nossa pobreza ser multidimensional e retirar ou privatizar o acesso a múltiplos bens e serviços, a injustiça social e o histórico de corrupção fazem com que os jovens tenham interesse em participar e reivindicar, motivados pela globalização como fonte de experiências de realidades melhores.

“Se um jovem vai a uma instituição bancária solicitar crédito, não consegue, sendo cedido sempre às pessoas com o monopólio financeiro e que, muitas vezes, nem são jovens”

entrevista

LEOPOLDINO ALBERTO VITUMBACA
SOCIÓLOGO*Usurpar os espaços e papéis da juventude é um costume ou padrão cultural?*

O costume não pode ser mais usado como desculpa para a usurpação. Ser mais velho não é sinónimo de saber ou detenção de poder, tal como ser jovem também não é sinónimo de irresponsabilidade, senão continuaremos a ter conflitos geracionais.

Antes da independência, mesmo no seio dos movimentos de libertação, havia a presença massiva de jovens que lutavam em nome da Nação e não meramente em nome da camisola partidária. Mas, essa entrega da juventude ofuscou-se desde os acontecimentos do 27 de Maio.

No próprio Ministério da Juventude e Desportos, os últimos responsáveis não eram jovens, quer biologicamente, quer na relação com a classe. Então, se não é jovem e não conhece a dinâmica da juventude, obviamente, ao elaborar as políticas, serão as que eles pensam ser, quando não são.

Se olharmos para as gerações que hoje dominam os espaços públicos, são as gerações que lutaram pela independência. É chegada a hora de dar a primazia aos jovens para guiarem os destinos do País. O momento da juventude é agora e não no futuro, para o futuro estão as crianças.

Sendo jovem, conhece espaços de participação juvenis que ainda não estejam partidarizados?

O único espaço que os jovens têm para participar da vida política do País é por meio da sociedade civil, porque até então é uma franja que ainda não foi completamente influenciada pela política partidária, onde as organizações são constituídas maioritariamente por jovens formados do ponto de vista académico, técnico ou artístico.

Por isso estamos a ver que o Executivo agora virou as baterias para as organizações da sociedade civil e que as políticas recentemente traçadas visam controlar e, de certa maneira, manipular e punir as organizações da sociedade civil.

entrevista

LEOPOLDINO ALBERTO VITUMBACA
SOCIÓLOGO

Como garantir que esse espaço não seja contaminado como os outros?

Existem outras esferas que têm essa capacidade de contribuir para a massificação da participação dos jovens de forma livre. Seriam os meios de comunicação a dar mais oportunidades à classe apartidária ou sem grupos de interesses. Devemos intensificar as acções formativas nas comunidades, preparando a juventude para uma participação consciente que não precise de estar alicerçada em princípios partidários, mas na cidadania.

Tomando como exemplo as manifestações espontâneas nas redes sociais e a permanência nas assembleias de votos protagonizadas pelos jovens nas últimas eleições, como seria o ambiente de participação se houvesse mais exemplos em maior escala em Angola?

Depois do advento da paz, os acontecimentos de 2022 foram dos mais organizados e espontâneos. Acções do género continuaram e vão continuar, como em 2023, com as mobilizações e manifestações digitais, a exemplo da reivindicação contra as injustiças e a subida de preço dos produtos, que consistia em bater as tampas das painéis.

Como será, daqui a dez anos, tendo em conta o actual cenário da participação?

Com a permanência do partido da situação, a tendência será uma participação cada vez mais denunciada, onde as pessoas continuarão a ter receios e a participar de forma escondida, com medo das conotações; continuará, também, aquele espírito de “xé, menino, não fala política”.

Se dentro de 10 anos Angola tiver a tão almejada mudança política partidária no poder, outro cenário que poderemos ter é uma sociedade civil mais participativa, para a prática da cidadania no nosso País, sobretudo para a institucionalização das autarquias locais.

Sociólogo e assistente social no Hospital Sanatório do Lubango, nascido em Luanda a 9 de Março de 1994, comentarista de rádio e televisão, assessor académico e membro da Comunidade de Estudantes de Sociologia (COESO-ANGOLA). Tem como frase de vida “Um dia seremos!”.



Acredita que ainda existe esperança?

Os indicadores mostram que, se dependermos de um lado, não haverá aberturas, portanto a manutenção da esperança depende de nós jovens e do desenvolvimento de capacidades de resistência nos diferentes contextos em que estamos inseridos, quer no trabalho, como em grupos comunitários.

Texto: *Alenap Hamuti*

reflectindo

(RE)IMAGINAR ANGOLA...

O estudo «Makas da Participação» do Mosaiko – Instituto para a Cidadania, citando dados oficiais, observa que em 2023 a totalidade da população angolana era de cerca de 33 milhões, dos quais cerca de 65% tinha menos de 25 anos. Paradoxalmente, o estudo desnudou a diminuta participação dos jovens, associada, entre outras coisas, à velha cultura do medo, que é explicada, em nossa perspectiva, também, pela histórica manutenção de estruturas de inibição à participação de «Outros» na vida pública.

Mas, como seria o país de Nagrelha, se «(re)imaginado» e perspectivado a partir de um ideal de participação inclusivo? Se todos, inclusive e mais importante, a juventude, fossem concebidos e preparados para participar como protagonistas nesta construção?

A materialização positiva destas questões é um caminho incontornável para se desenhar o desenvolvimento de Angola. Uma juventude concebida e preparada para o exercício de uma cidadania consciente, activa e participativa tem intrinsecamente as ferramentas para pensar e agir para a melhoria da sua comunidade e consequentemente do país.

“Uma juventude concebida e preparada para o exercício de uma cidadania consciente, activa e participativa tem intrinsecamente as ferramentas para pensar e agir para a melhoria da sua comunidade e consequentemente do país. ”



Fotografia: ODR

O ideal de participação inclusivo que rompe com as estruturas de inibição dos jovens permitiria ao país beneficiar-se não apenas da força que emana da jovialidade, mas de formas de pensamento que se harmonizam com os avanços e desafios dos tempos actuais. Numa Angola onde este ideal tivesse lugar, seriam derrubadas várias barreiras: do ponto de vista político renovar-se-iam as energias para um debate mais diverso, as mulheres, que são maioria entre os jovens, teriam a possibilidade de defender pessoalmente as pautas que as perpassam; quanto ao direito, abrir-se-ia a possibilidade de maior justiça ao tornar os espaços acessíveis e eficientes; daríamos, ainda, avanços significativos no que à economia diz respeito, pois, abrindo-se a possibilidades de ouvir e ceder espaços aos jovens, aos seus anseios e projectos, estariam criadas balizas para uma economia diversa e inclusiva.

*“Numa Angola onde este ideal
(de participação) tivesse lugar,
seriam derrubadas várias
barreiras...”*

Texto: Lígio Katukuluka